

L 4491 (66)
9

ELEGIA
NA SENTIDA E MEMORAVEL MORTE
DA AUGUSTISSIMA RAINHA
D. MARIA I.,

FALLECIDA NO DIA 20 DE MARÇO
A'S ONZE HORAS E HUM QUARTO DA MANHÃ
DO ANNO DE 1816.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1816.
Com licença.

*Quod tibi contingerit, patienter ferre memento,
Num certum fieri numine cuncta Dei.*

Owem.

*Miramur periisse homines, momenta fatiscunt,
Mors etiam saxi, hominibusque venit.*

Ausonio.

E L E G I A.

QUE pezada tristeza, que disgosto
Influem nestes ares, e na gente!
A alegria amortece, espira o gosto.

Parece que se turba de repente
O Ceo, e as grossas nuvens trovejando
Lanção de escuro seio raio ardente.

O Sol brilhantes luzes occultando,
E a parda noite as azas estendendo,
Vai tudo densas trevas apalpando.

A prateada Lua escurecendo,
E as lucidas Estrellas encobrindo,
Gira os montes e vales susto horrendo.

As magoas até onde hirão sobindo
Se as pacificas ondas empoladas
Sobre as azas dos ventos vão rugindo.

Pobres bateis, as náos empavezadas
Humas já, outras quasi submergidas
Mostrão de perto vistas desgraçadas.

A terra pelas bocas denegridas
Descobre a confusão... mas que discorro!
Idéas do pezar reproduzidas.

Subito ao campo das verdades corro,
E quanto mais por elle me dilato
Tanto mais de afflicção gelado morro.

Infausta Scena , lugubre apparato
Me anceia o coração , e quanto vejo
He da morte tristissimo retrato.

Com o frio temor em vão forcejo ;
Pois geladas as veias pelo susto ,
Mal os tremulos passos óra reço.

Ferino peito , coração robusto
Onde haverá , que em lances pezarosos
Não preste ao sentimento o lugar justo?

São contra a natureza os despiedosos
Mortaes , e pelo Ceo aborrecidos ,
Mais do que as feras monstros pavorosos.

Mil cançados suspiros , e ais perdidos ,
Confuza queixa soffocada em pranto
Combatem a alma , ferem os ouvidos.

Ornatos qual da noite o feio manto ,
As mortas luzes , fria sepultura ,
O luctuozo , e tremebundo canto ,

Fazem apparecer nova figura ;
Tocando a varia , momentanea sorte
Em alongada , e firme desventura.

Mas quem será , que em mãos da cruel morte
Foi indagar de perto o grão segredo ,
Onde toda a sciencia perde o norte?

Que estallando no concavo rochedo
O medonho trovão , de ledo rosto
Nem ao menos a sombra ye ao medo?

Que sobranceiro á terra em astro pôsto,
Pizando as luzidissimas Estrellas
Zomba da magoa, zomba do disgosto?

Que respirando paz, virtudes bellas
A' face das celestes Jerarchias
Cantâ os louvores, como cantão ellas?

Que aos nescios, e os de sans Filosofias,
Dourados Sceptros, pastoris cabanas,
Não descobre huns aos outros primazias?

Quem será o ditozo, que ás tyrannas
Falsarias apparencias deste mundo
Fugio para as verdades soberanas?

Eu abro a campa, e desentranho o fundo
Para vér . . . mas que vejo! o mudo aspecto
Da minha Rainha, o Ceos! eu me confundo!

Estalla o coração de dôr, e affecto:
Ah! talvez que me engane perturbado
Da extranha vista do medonho objecto.

O rosto macilento e descarnado,
Os olhos para o centro recolhidos,
Languida a frente, os beiços em cadeado.

De novo emprégo attentos os sentidos:
Mas que posso indagar? se a fria morte
Só me deixou lugar para os gemidos.

Desfigurado spector desta sorte,
Nem do que foi conserva similhança:
Mas he aquella, a que soffreo o corte.

Se o Mausoleo pompozo, em que descança ;
 Se o letreiro da eterna sepultura
 Não bastão para firme segurança,

Deixemos este sitio de amargura,
 E vamos pela funebre Ulisseia
 O motivo escutar da desventura.

Bem semelhante ao fogo que se ateia
 De improviso na misera morada,
 Que a gente huma com outra mais se enleia ;

Assim vive Ulisseia alvoroçada,
 Offuscando a razão da lei antiga,
 Que do primeiro Pai foi trasladada.

Nos criminosos filhos se castiga
 A falta do preceito inviolavel ;
 E o peccar, e morrer fizerão liga.

Natureza infeliz, he mais duravel
 O rude tronco, a serra pedregosa
 Do que os humanos, obra inimitavel.

Morreo (mil vezes clama a voz chõrosa
 Dos Cidadãos fieis, vassallos ternos
 Alçando as mãos á Patria luminosa)

Morreo Maria, Rainha Augusta,
 Exemplar de raras virtudes,
 Da Religião amante, Bella, e Justa.

Quem de Minerva apreciava os frutos
 Acolhendo tambem ao Regio amparo
 Os que á mesma sciencia dão tributos ;

Quem amando da paz o nome claro
Aborrecia a sanguinosa guerra,
Nutrindo, a ser preciso, esforço raro:

Quem desejava que no mar, e terra
Se criassem famosos Militares,
Iguaes ao que montou Alpina serra:

Quem o commercio de alongados mares
Com desvelado empenho protegia;
Na sorte alegre, e triste nos azares:

Quem as leis da Justiça vêr queria
Hombreado os deveres da equidade;
E igual castigo e premio repartia:

Quem nos puros altares da verdade
Respeitosa entregava o pensamento
A's virtudes da fé, e caridade:

Sabia que este santo fundamento
Differença os mortaes, e os eterniza
Quanto durar o claro firmamento.

Estas vozes em magoa tão precisa
Vão retumbar nos empinados montes;
Magoa geral, que em tudo se devisa.

Pára, ó Musa infeliz, mais nada contes;
Deite o silencio a rede pavorosa;
As Aves piem, murmurando as fontes:

Foge da corte, embrenha-te saudosa
Pelos ermos lugares mais agrestes,
Destinados á gente dis gostosa.

De todo rasga do prazer as vestes,
 Arranca os louros, despedaça a lira,
 E orna a frente de funebres cyprestes.

Sem ouvir a quem chora, a quem suspira
 Accusa a negra parca inexoravel,
 De que a doce esperança aos Luzos tira.

Que na adiantada idade, mas apreciavel
 Lhes rouba aquella vida, por quem derão
 Podendo as suas, para ser duravel.

§ Queixas-te em vão (tres vezes me disserão)
 § Não se revoga a lei. Tantos gemidos,
 § Tantas supplicas vãs debalde esperão.

Longo tempo ficarão esculpidos
 Das agoureiras vozes os accentos
 No fundo da minha alma, e nos ouvidos.

Quem as soltou, mais rápida que os ventos
 Fogio de mim; e quando me buscára
 Não lhe pude sentir os passos lentos.

Supponho foi a morte sempre avara,
 Que ouvindo os meus queixumes excessivos,
 Como origem fatal os extranhára.

Onde encontrar-se podem lenitivos
 Aos duraveis, e barbaros effeitos,
 Se existe a causa, durão os motivos?

Porém que vejo! em lagrimas desfeitos
 Das Aldéas se auzentão os Pastores,
 Encuryados os olhos sobre os peitos,

No deserto, que habito, moradores
Espalhão sem descanso noite, e dia
Estes amargosissimos clamores:

Levem famintos lobos tenra cria;
A' mingua tenham fim os nossos gados,
Que outra perda ha maior, de mais valia.

Embora os temporaes desenfreados
As searas, e fructos nos estraguem,
Deixando-nos á fome destinados.

As duplicadas cheias nos alaguem
Os campos, e as Cabanas: muito embora
Tambem a luz da vida nos apaguem.

Sequem-se os largos Rios sem demora,
E as abundantes fontes, lenitivos
Da voroz sede, e calma abrazadora.

Aquelle com transporte os mais vivos
Os cabellos arranca; o gabão pobre
Despedaça entre prantos excessivos.

Este de suffocado a pena encobre
Nutrindo na mudez, em que persiste,
Para os grandes pezares alma nobre.

Aqui do baile, e jogos se desiste,
Ali do meigo cantico das sestas;
E de todos se forma hum quadro triste.

São dos retiros as delicias estas,
Foge Muza outra vez; porem contigo
Trazes dôr empestada, com que infestas.

Desengana-te em fim , não tens abrigo ;
Pois no centro de infaustos dissabores
Flucruas sem achares porto amigo .

Se a esta parte inclinas os clamores ,
Ouves iguaes , que augmentão os teus damnos ;
Se áquella , inda os desgostos são peiores .

Ah bons compatriotas Lusitanos !
Se nos maltratão golpes tão sensiveis ,
Fôra melhor não vermos os humanos .

Ou no berço , ou na massa dos possiveis
Antes cubrir-me com o véo da terra ,
Do que estar a morrer vezes increveis .

Nesta de confusões estranhã guerra ,
Precisava prestar-se mutuamente
Grata consolação : mas quem a encerra ?

Se a quereis encontrar , oh Luza gente !
Partí , partí a ver o Regio Infante ,
Tornando fausta a sorte descontente .

Daquella que chorais Rainha amante ,
Vedes no caro Filho quem felicita
De venturas a serie mais constante .

Veremos bafejar-nos aurea dita ;
E que huma Rainha assaz nunca chorada ,
Pelo Augusto JOÃO nos ressuscita .

De virtudes moraes fiel traslado
Nos reservou a Santa Providencia ,
Attenta sobre o bem do Luzo estado .

Baste já de suspiros ; que a prudência
De nevados cabellos , gesto annoso
Nos traz resignação , e paciência.

Não tem remedio o golpe rigoroso ;
E tanto padecer sem esperança
He triste situação de hum furioso.

Próvida Medicina em vão se cança ;
Pois contra os experientes exercicios
Pugna a tremenda lei da firme herança.

Continuos esmoléres beneficios ,
Devotas orações , exemplos puros ,
Desapego total dos feios vícios ;

Não atalhão os passos mal seguros
Da tremula , e mirrada morte feia ;
Que os marmores desfaz , e os ferreos muros :

Mas só quebrando-se a vital cadeia,
Fazem que nos assentos estelantes
Se participe a gloria , que recreia.

Tudo se apressa aos eixos terminantes ;
O dia logo he noite ; o frio inverno
Logo se muda em calmas devorantes.

Torna-se em agonia o prazer terno ;
A feliz sorte em hórrida desgraça ;
E a breve duração em somno eterno.

A' maneira da nuvem quando passa,
Respiramos a vida tranzitoria ,
Que ao principio do fim nos ameaça.

Não mais saudosa, e lugubre memoria:
Deixa que sobre as penas denegridas
A fama leve escrita a dura historia.

A's Nações mais estranhas e escondidas,
Que de Affonço immortal os dons cantarão,
Cheguem as Luzas magoas repetidas.

Se tão altas virtudes respeitárão
As intractáveis gentes do Universo,
E os cultos Povos tanto sublimárão;

Hoje lastimem o destino adverso:
E rebente do Téjo o largo pranto
Onde o Sol tem sepulchro, a Aurora berço.

D'essa, que as Mauras Luas pizou tanto,
Hum ramo se cortou já não florente,
Para reverdecer no coro santo.

Regio Soberano, não consente
O teu alto poder, que a voz levante,
A consolar-te a dôr n'alma existente.

Augusta Senhora, fico vacilante
Em pensamento igual; porque receio
Tua magoa fazer mais penetrante.

Saudoso Portugal, em quanto leio
Em ti dura afflicção, nada me anima
Para te dar consolador recreio.

Tu mal soante, e perturbada rima
Occulta de huma vez a triste scena;
Porque tão entranhada, e justa pena
Só a gasta do tempo a surda lima.

SENTIMENTOS DA ELIZIA

*Na Morte da Augustissima Senhora D. Maria I., que
Deos chamou á Sua Santa Gloria no dia 20 de Mar-
ço pelas honze horas e hum quarto da manhã no an-
no de 1816.*

E L E G I A

ENvolta em negro manto a triste Elyzia,
 No peito as mãos cruzadas,
 Dos lacrimosos olhos derramando
 Acerbo amargo pranto:
 Suffocado de magoa, e dôr intensa,
 Chora, geme, immudece.
 Na mente perturbada indaga afflicta,
 Revolve casos tristes.
 Contempla a antiga Roma consternada,
 Quando Druso perdeo.
 Ouve da França as vozes, os gemidos
 Na morte do Delfim.
 Nas Africanas costas vê extinto
 O filho predilecto.
 Recorda inda assustada o fatal dia,
 Esse dia sinistro,
 Em que a dextra de Jove Omipotente,
 Cintillando Coriscos,
 Nas entranhas da terra fermentando
 Sulfúreos mineraes,
 Com horror fez tremer o mundo inteiro,
 Gemer a natureza.
 Nos casos miserandos, que contempla,
 Detem-se hum pouco absorta.
 Compassiva lamenta dos estranhos
 Os tristes infortunios.
 Compara a sua dôr ao mal passado,
 Enloquece, delira.

Quer fallar ; mas não pode ; balbuceia ;
 Apenas articula.
 De seus lividos beiços desprendendo
 A voz intercadente,
 Quem jámais, como tu, sentio, ó Elyzia
 Desastre tão fenesto !
 Mais queria dizer ; mas suffocou-se ;
 Cahio desfallecida.
 O acordo perdeo ; quem me soccorre !
 Exclama, em si tornando.
 Luzos, Luzos, amados filhos meus,
 Tres vezes repetio.
 Não ha hum só, que a mão lhe dê piedoso ;
 Todos chorão, e gemem.
 Que triste desamparo, diz Elyzia,
 He este em que me vejo !
 Com os negros cabellos desgrenhados,
 Mal apanhadas roupas,
 Cercada das imagens da Tristeza,
 Procura os Luzitanos.
 Aqui encontra huns de dor passados,
 Alli 'stupidos outros.
 Este clama : Morréo a Mãi da Patria,
 Aquelle : a Sabia, a Justa.
 Dizem ao longe mil confusas vozes :
 A Rainha morreo !
 Morreo do pobre honrado a Bemfeitora,
 A Tutora dos Pupillos ;
 A Protectora das Artes, das Sciencias ;
 Da Viuva o Esteio.
 Morreo Maria, a Boa, a Piedosa, a Grande ;
 Choremos, Luzitanos.
 E, todos para o Ceo as mãos erguendo,
 Soccorro lhe pedião.
 Vendo Elyzia seus filhos consternados
 Ainda mais, do que ella ;

Conhecendo, que he justa a dôr intensa,
 Que todos patenteiãõ;
 Não lhes quer encobrir outras virtudes,
 Que a Sua Rainha ornárãõ;
 Porque, se, em quanto vivá a grande Heroína,
 Em silencio as guardára,
 Foi, porque não dissessem, que a lizonja
 As vozes lhe ditava.
 Conhecei, Luzos meus, lhes diz Elyzia,
 A vossa fatal perda,
 E da Rainha Augusta, que chorais,
 Conhecei o Heroismo.
 O soccorrer a triste humanidade
 Foi seu primeiro estudo;
 Jámais o nome ouvio de hum desgraçado,
 Que delle se esquecesse.
 Quantos estais aqui, prossegue Elyzia,
 Que assim o experimentastes?
 Todos fallarãõ; ouvio-se dizer: *Eu...*
 E depois soluçarãõ.
 Até agora não houve algum vivente,
 Que vitima não fosse
 D'essas cegas paixões, que offuscão, prendem,
 O natural instincto;
 Mas dizei-me, qual foi o seu defeito?
 Todos emmudecêrãõ.
 Quem da pura Amizade as Santas Leis,
 Como ella, guardar soube?
 Quem applicou jámais melhor o tempo?
 Quantas horas gastava,
 Os profundos systemas meditando,
 Enchendo-se de luzes?
 Qual de vós teve a dita de fallar-lhe,
 Beijar-lhe a mão Augusta,
 Que affavel lhe não visse o seu semblante?
 Qual de vós, Luzitanos,

Ouvio jámais dizer , que houvesse huma Rainha ,
Como ella , virtuosa ?

Foi Benefica , Grande , Sabia , Honesta ,
Foi Mãi dos desgraçados.

Seu grande coração só respirava
O terno amor da Patria.

Forão suas Virtudes tão sublimes ,
Que de Tito , e Trajano ,

Marco Aurelio , Antonio , Otavio Augusto ,
Foi perfeito modêlo.

A perda , que chorais , amados Luzos ,
Não tem consolação.

Só vos resta clamar ao Ceo piedoso ,
Que benigno conserve

Aquelle Augusto Filho , Piedoso , Clemente ,
Que nos faz venturosos.

Esse grande Heroe , Recto , e Justo ,
Que com tanto desvelo

As redeas do Governo rege attento :
Aquelle , que incansavel

No Bem Público pensa dia , e noite ,
O nosso Soberano.

Aquelle finalmente que foi educado ,
Com preceitos e exemplos ,

Pela Augustissima Mãi , que choramos ,
Pedi ao Ceo benigno ,

Que illumine o Herdeiro das Virtudes
Do Filho e do Amigo :

Fiel imitador dos seus Estados :
Como Ella , em tudo Grande :

Que console , que alente a Casta Esposa ,
Aquelle Mulher forte ,

Generosa , Christã , Sabia , Modesta ,
Magnanima em tudo :

Capaz da illuminar com suas luzes

A Patria , a Europa , o Mundo.

F I M.